

Construções nominais no repertório multilíngue de aprendizes de PBL2: indícios de representações diassistêmicas¹

João Paulo da Silva Nascimento²

Roberto de Freitas Junior³

Lia Abrantes Antunes Soares⁴

Resumo: Este estudo busca evidências sobre representações do conhecimento multilíngue, a partir da análise de usos da construção nominal [(ESP) N (X)] do PB, na escrita de aprendizes anglófonos. Averiguamos não apenas ocorrências compatíveis com os padrões construcionais do PB, como também aquelas com alguma inconformidade relativa ao uso de itens gramaticais no *slot* (ESP). Aderimos aos postulados da Gramática de Construções Diassistêmica, para a qual o *constructicon* multilíngue molda-se a partir de relações idio e diaconstrucionais. Apostamos na hipótese de que as diferentes representações da construção nominal na escrita desse grupo de aprendizes refletem tanto a emergência de *link* diassistêmico, quanto a manutenção de aspectos línguo-específicos em nível mais subjacente. Essa hipótese se revelou a partir da observação de dados analisados em estudos anteriores em que foram identificados usos convergentes da construção nominal e usos comprometidos por apagamentos, preenchimentos impróprios e combinações discordantes de especificadores. Para testar tal proposição, empenhamos análises quali-quantitativas de 312 ocorrências de [(ESP) N (X)] as quais foram realizadas à luz de variáveis morfossintáticas e semânticas, indicadas como relevantes na literatura revisada. Os resultados demonstram que a rede construcional multilíngue dos participantes da pesquisa comporta a formação de pelo menos uma diaconstrução e idioconstruções subjacentes aos usos observados.

Palavras-chave: Construções nominais; Gramática de Construções Diassistêmica; Aquisição de L2.

¹ Este artigo é decorrente da dissertação de Mestrado do primeiro autor, orientada pelos dois co-autores no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A pesquisa é referendada ao final, na seção de referências bibliográficas.

² Professor de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação de Teresópolis. Doutorando em Linguística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Especialista em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: jpn0401@gmail.com. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-8392-4265>.

³ Professor Adjunto do Setor de Estudos Linguísticos do Departamento de Letras-Libras e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Especialista em Língua Inglesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: robertofrei@letras.ufrj.br. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-6237-1040>.

⁴ Professora Adjunta do Setor de Estudos Linguísticos do Departamento de Letras-Libras e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: lia.abrantes@letras.ufrj.br. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-0165-413X>.

Introdução

Estudos a respeito dos processos de desenvolvimento de linguagem debruçam-se sobre o questionamento acerca do que nós, falantes, sabemos quando dominamos uma língua. Seja qual for a filiação teórico-metodológica, ainda que haja distinções na maneira de se interpretar os processos envolvidos no surgimento de uma gramática, a concepção de que o conhecimento linguístico do indivíduo é representado mentalmente de acordo com experiências individuais e coletivas mostra-se auspiciosa para nortear investigações que visam à elucubração da competência gramatical em diferentes contextos.

Em uma abordagem construcional baseada no uso, tal qual a defendida neste estudo, trabalhamos com a ideia de que nosso conhecimento linguístico consiste em um inventário permanentemente mutável de construções: pareamentos convencionais de forma e significado (CROFT, 2001; GOLDBERG, 2006). Assumir a ideia de que o que sabemos são construções significa dizer que estamos lidando com um modelo representacional de diferentes níveis e tipos de conhecimentos gramaticais (HILPERT, 2014), uma vez que somos uma espécie biológica, empírica e culturalmente equipada para um armazenamento robusto de conhecimentos linguísticos a partir da experiência com o uso de línguas e do recrutamento de processos cognitivos gerais (TOMASELLO, 2003; BYBEE, 2016).

Em se tratando de uma L2, esse tema torna-se ainda mais complexo, dado que, enquanto crianças são capazes de adquirir rapidamente as generalizações da língua a que são apresentadas, aprendizes de uma L2, em geral, apresentam distinções significativas quanto à performance, quando comparados com falantes da L1 (GOLDBERG, 2019). Ainda que a dicotomia aquisição *vs.* aprendizagem não seja produtiva no quadro da Linguística Cognitivo-Funcional⁵, tais distinções verificadas entre os processos de aprendizagem de L1 e de L2, provenientes de fatores como tempo de exposição, grau de experiência com a L2, idade e distância interlinguística, mostram-se relevantes (SOARES, 2018). Estando a L1 bem enraizada em uma aberta e dinâmica rede de construções, o desenvolvimento de outras línguas, com ou

⁵ Trata-se de uma teoria linguística que apresenta um modelo de desenvolvimento de linguagem que não se restringe de modo rígido a um período “crítico” específico, ainda que reconheça o papel da maturação do organismo. Nesta visão, a linguagem se desenvolve continuamente ao longo das experiências dos falantes com uso(s) de língua(s), de modo que os termos “aquisição” e “aprendizagem” passam a ser tratados como sinônimos, embora reconheça as diferenças típicas entre o desenvolvimento da fala em uma L1 e em uma L2.

sem instrução explícita, também requer experiências com enunciados para que novos enraizamentos associem-se em alguma medida aos anteriores.

Partindo do pressuposto de que o processo de aprendizagem de uma L2 configura um caso de contato linguístico (HÖDER; PRENTICE; TINGSELL, 2021; FREITAS JUNIOR *et al.*, 2022), torna-se oportuna a ideia de que o (in)sucesso de aprendizes de L2 seja um indício valioso ao aprimoramento e à ampliação de investigações acerca do que realmente sabemos quando usamos uma língua adicional no escopo dos modelos baseados no uso. Considerar a realidade psicológica do conhecimento multilíngue por uma perspectiva construcional baseada no uso, na qual não se defendem representações estanques das línguas envolvidas, corrobora tanto a solidificação dessa teoria de gramática quanto o entendimento de que o conhecimento a respeito de uma L2 é perpassado, dentre outros aspectos, por (super)generalizações simétricas ao que há de comum e de idiossincrático entre os sistemas linguísticos envolvidos.

Em torno dessa premissa, tem se desenvolvido um modelo alternativo da GCBU cujo foco são as situações de contato linguístico: a Gramática de Construções Diassistêmica (GCD) (HÖDER, 2010; 2012). Apesar de não se tratar de uma nova teoria, mas de uma proposta adaptada da GCBU, as investigações desenvolvidas na ancoragem da GCD estão potencializando questionamentos e reformulações na maneira de contemplar fenômenos multilíngues. Alguns desses *insights*, por exemplo, são: (i) Se falantes multilíngues podem utilizar construções⁶ semelhantes nas diferentes línguas com as quais lidam, como armazenam e processam particularidades isoladas em níveis representativos mais baixos? (ii) Com base nessa estrutura representacional, quais seriam os indícios atestados pelo uso de um suposto custo mental menor, ou maior? (iii) Se, por outro lado, não for possível pressupor vantagem cognitiva, o que explicaria o fato de as línguas em contato se tornarem mais entrincheiradas ao longo do tempo?

Neste estudo, exploraremos sobretudo a primeira questão, que pode assim ser traduzida para o presente contexto: que aspectos do uso de uma L2 podem revelar a configuração diassistêmica da gramática multilíngue? Ou, mais diretamente, como diaconstruções e idioconstruções, isto é, abstrações inespecíficas e abstrações específicas da língua materna e da

⁶ Neste caso, estamos nos referindo a níveis altos de abstração, ou seja, ao esquema, nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

língua alvo, são instanciadas e de que maneira isso pode impactar, positiva ou negativamente, o desenvolvimento/uso da L2?

A partir da identificação de usos convergentes e divergentes de construções nominais produzidas com o padrão [(ESP) N (X)] — instanciada em dados como o SN ‘(a) *linguagem (humana)*’ —, observados em textos escritos em PB por aprendizes anglófonos, estruturamos os seguintes procedimentos para a pesquisa: (a) mapear produções de [(ESP) N (X)] que podem ser resultantes de processamento de *link* diassistêmico e (b) analisar quali-quantitativamente fenômenos relacionados ao uso de determinantes no *slot* (ESP) de construções nominais que podem refletir prevalência de idioconstruções, considerando suas naturezas sintática, semântica e pragmático-discursivas. Tais procedimentos se mostram necessários para alcançarmos o objetivo de propor possíveis diaconstruções e idioconstruções ligadas à representação cognitiva de [(ESP) N (X)] na gramática multilíngue, apostando em uma hipótese viável para explicação de ocorrências convergentes e divergentes em textos de anglófonos aprendizes de PB.

Sendo assim, organizamos o artigo em três partes. Na primeira, apresentamos o referencial teórico da Gramática de Construções Diassistêmica. Na segunda, descrevemos a metodologia empreendida para desenvolvimento da pesquisa com análise de dados. Na terceira, apresentamos e discutimos os resultados obtidos, sugerindo uma proposta de rede construcional multilíngue de [(ESP) N (X)] para o grupo de aprendizes envolvidos na pesquisa. Enfim, nas considerações finais, endossamos a premência de investigações sobre a aprendizagem de L2 em abordagem construcional diassistêmica.

A Gramática de Construções Diassistêmica e a aquisição de L2

Um dos dilemas da linguística de contato é definir em termos cognitivos o tipo de conhecimento que falantes multilíngues apresentam. Em torno disso, são apresentadas hipóteses que ora defendem a representação estanque de duas ou mais gramáticas concorrentes (WEINREICH, 1953), ora uma representação cognitiva mais holística e caracterizada por um único repertório multilíngue (AIKHENVALD, 2007). Estudos nessas duas frentes de conceptualização do conhecimento linguístico multilíngue têm buscado evidências a partir de análises de dados que comprovem suas proposições, conferindo à área uma agenda plural de

pesquisas, apesar de o multilinguismo ter sido deixado de lado pelas principais teorias linguísticas (HÖDER, 2014).

A GCD é um desses modelos teóricos em defesa da hipótese de representação robusta e holística da cognição multilíngue. Desenvolvida por Steffen Höder (vários trabalhos), trata-se de um modelo teórico circunscrito no âmbito da GCBU que tem como fundamento, dentre outras coisas, a generalização interlinguística em ambientes multilíngues “por meio de abstração e generalização com base no *input* disponível [...], independentemente de quaisquer fronteiras entre as línguas” (HÖDER, 2014, p. 45)⁷.

Apesar de ser uma vertente que segue os mesmos princípios teóricos amplamente explanados pelos estudos em GCBU (BOAS; HÖDER, 2018), podemos citar algumas propriedades que, a nosso ver, colocam a GCD como modelo particular no *hall* das vertentes construcionistas baseadas no uso reunidas e apresentadas por Hoffmann e Trousdale (2013). Dentre elas, listamos: (i) a novidade da definição do que seja o conhecimento linguístico, apostando na sua natureza construcional e multilíngue, algo pouco explicitado mesmo em outros modelos de uso da GC; (ii) a reunião de conceitos e premissas teóricas próprias (e.g. idioconstruções, diaconstruções, *links* diassistêmicos, etc), os quais endossam as proposições da GCBU; e (iii) a capacidade elucidativa e ressignificativa para o tratamento do que é o contato em escala ampla da interação verbal.

Enquanto um modelo construcional para a abordagem do contato linguístico, a GCD entende que uma gramática, enquanto uma dinâmica e associativa rede de construções, não é específica de uma língua, mas de uma comunidade de fala com suas particularidades de contato de variantes, dialetos, línguas etc., o que leva a crer que o multilinguismo é uma realidade mesmo em comunidades aparentemente estáveis e “monolíngues”. Portanto, a gramática individual, a instância mínima de representação da gramática da comunidade, também é multilíngue, na medida em que abarca conhecimentos de variantes dinâmicas, além de outras experiências linguísticas (HÖDER, 2018). Quanto a isso, porém, o modelo em si não é categórico, pois reconhece que a gramática pode ser vista pelas duas perspectivas: a do indivíduo e a da comunidade.

Considerando que no *constructicon*, isto é, no repertório linguístico representado em formato de rede associativa, estejam disponíveis tanto construções idiossincráticas quanto

⁷ Todas as citações de Höder foram traduzidas e/ou adaptadas por nós.

compartilhadas, a GCD desponta como uma abordagem sociocognitiva que considera a interação estrutural entre diferentes sistemas, de modo que se forme um diassistema de inúmeras camadas multilíngues. Trata-se, portanto, de um modelo alternativo ao tratamento do multilinguismo na esfera da cognição, sendo, ao mesmo tempo, empírico ao abordar o contato como fenômeno imprescindível à emergência de gramáticas. A proposta parte do princípio de que as experiências com diferentes línguas, registros, gêneros textuais e modalidades fazem emergir uma rede de construções integradas, resultante das vivências plurilíngues dos falantes (BOAS; HÖDER, 2018; FREITAS JUNIOR *et al.*, 2022).

Posto que o multilinguismo é entendido como uma parte fundamental da faculdade da linguagem (HÖDER, 2012), em maior ou menor grau, todos os falantes podem ser considerados multilíngues, pois as camadas e nuances da comunicação acionam comportamentos que incluem, ao mesmo tempo, repertórios linguísticos individuais e estratégias comunicativas dinâmicas, variáveis a depender do contexto, bem como comportamentos das diferenças e das similaridades linguísticas. Em vista disso, nesta perspectiva, os falantes e as comunidades de fala multilíngues são definidos como aqueles que inconscientemente utilizam e convencionalizam relações diassistêmicas, estabelecendo e expandindo correspondências e divergências regulares, generalizando e abstraindo a partir das amostras linguísticas às quais são frequentemente submetidos (HÖDER, 2012). Essa nos parece uma definição coerente e categórica para todos os falantes, se reconhecermos a naturalidade do contato para além da interação entre línguas distintas.

A compatibilização entre essa teoria e o aparato descritivo da Sociolinguística de Contato (GARNER-CHLOROS, 2009) e da Linguística Histórica (KÜHL; BRAUNMÜLLER, 2014) foi o que forneceu os primeiros *insights* para um modelo capaz de contemplar, além da descrição, a especificação cognitiva do conhecimento multilíngue. Surgem, assim, entre 2010 e 2012, os primeiros trabalhos de Steffen Höder que se voltam à aplicação da GCBU na apreciação de mudanças no sueco antigo.

Nesse contributo inédito que inicia a concepção diassistêmica da GCBU, Höder (2012) recupera a noção de diassistema proposta por Weinreich (1954, p. 390), e a atualiza diante de prerrogativas da abordagem construcional, concedendo-lhe proporções mais amplas no quadro da teoria baseada no uso em geral. Assim, seu modelo propõe que “[...] os sistemas podem influenciar um ao outro; o repertório multilíngue pode então ser visto como um conjunto de

estruturas linguísticas que consiste em subconjuntos idiossincráticos por um lado e subconjuntos comuns por outro” (BOAS; HÖDER, 2018, p. 20).

Ainda que a noção de diassistema não seja necessariamente uma novidade, a proposta que o modelo defende suplanta o viés estrutural de Weinreich (1954), na medida em que não pressupõe a existência de “sistemas” específicos, mas de um único sistema moldado por processos seriados de identificação interlingual e de proposição de categorias abstratas. Com base nisso, Höder (2012) ratifica a necessidade de que a noção de *constructicon* seja assumida, a partir de então, para situações multilíngues⁸, dado que os modelos anteriores da GC se concentraram, principalmente, em fenômenos concebidos em contextos monolíngues.

Para o autor, a própria teoria não abre precedentes para que o contato linguístico interponha limites aos mecanismos de generalização e abstração inerentes à noção de categorização, pois esta deve abarcar quaisquer tipos de *inputs*, inclusive aqueles multilíngues que levam à emergência de padrões diassistêmicos, ocupantes de níveis mais altos na rede multilíngue. Em suas palavras, “se tomarmos uma ligação entre dois elementos específicos como constituindo um item mais abstrato dentro de um sistema abrangente compartilhado, podemos assumir a existência de ‘diaelementos’: ‘diafonemas’, ‘diamorfemas’, ‘diaconceitos’ e ‘diassintagmas’” (HÖDER, 2012, p. 15).

Forjada em torno dessas concepções, a GCD tem angariado um escopo investigativo profícuo e relevante para a definição do campo que alguns autores, como Hakimov e Backus (2021), têm chamado hoje de “Linguística de Contato Baseada no Uso”. Por tratar do contato linguístico e dos contextos multilíngues como fenômenos multifacetados, os trabalhos de vertente construcional diassistêmica têm explorado desde questões de mudança linguística por contato (BOAS; HÖDER, 2018; GODOY, 2022) a outras práticas multilíngues, tais como o *codeswitch* e a aquisição de línguas orais (BOAS; HÖDER, 2021) e sinalizadas (FREITAS JUNIOR *et al.*, 2022).

Por tomar como escopo as situações multilíngues, a abordagem da GCD considera que “a descrição gramatical de um sistema linguístico deve incluir estruturas de todas as línguas ou variedades envolvidas, e que o estabelecimento social e a aquisição individual de tal sistema deve ser intrinsecamente multilíngue” (HÖDER, 2014, p. 140). Nessa perspectiva, considera-

⁸ Ou para qualquer situação, dado que mesmo os monolíngues seriam em algum grau multilíngues, conforme o modelo.

se que a existência de construções multilíngues, a exemplo da construção nominal [(ESP) N (X)] enfocada neste estudo, seja um fator subsidiado pela proposição de que a aquisição de conhecimento linguístico (L1, L2, ...) se dá a partir da ação de habilidades cognitivas de domínio geral e da frequência de uso de determinados itens no *input*. Em contexto multilíngue, algumas construções específicas das (amostras de) línguas em contato podem ser associadas a uma única abstração não específica, a qual abrange informações de forma e sentido de ambos os sistemas, respeitando-se condições de similaridade que, via raciocínio analógico, fundam categorias mais abstratas e translinguísticas.

A proposta de arquitetura do conhecimento linguístico é a de que o *constructicon* multilíngue, uma cognição emergente a partir da experiência com línguas em uso, dispõe tanto de construções que são específicas das amostras em contato, quanto daquelas mais abstratas que são subsidiadas por exemplares das (variedades de) línguas em contato. A figura a seguir propõe uma representação didática dessa proposta da GCD.

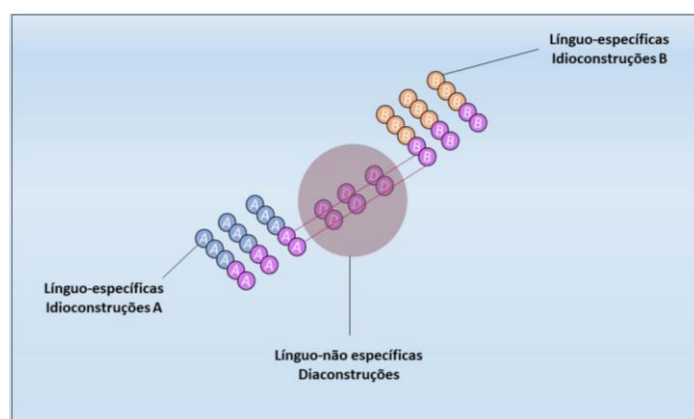


Fig. 1 Representação do constructicon multilíngue. Fonte: Adaptado de Nascimento (2022, p. 44).

Para essa hipótese, produções linguísticas instanciam, simultaneamente, o que Höder chama de “idioconstruções” e “diaconstruções”, que são escolhidas e combinadas em vista das demandas do contexto comunicativo. A morfologia desses dois termos nos auxilia a compreender o que significam, uma vez que os prefixos “idio” e “dia” se referem, respectivamente, às particularidades *idiossincráticas* e às representações gerais compartilhadas, através de (*dia*) sistemas.

As idioconstruções são próprias de contextos associados a uma determinada amostra de língua e, por isso, tendem a ser menos subespecificadas e são mais idiossincráticas, podendo

ser representadas em espaços construcionais distintos, apesar de, em alguns casos, conduzirem a emergência de diaconstruções por similaridade estrutural/funcional (HÖDER, 2012, 2014, 2018). Por outro lado, as diaconstruções são generalizações mais abstratas, posto serem resultantes da relação entre construções “presentes nos dois sistemas, que por apresentarem algum grau de similaridade de forma ou sentido, compõem uma abstração não específica [...] que abrange as informações linguísticas advindas de ambas.” (FREITAS JUNIOR *et al.*, 2022, p. 616).

Para Höder (2019), diaconstruções e idioconstruções coexistem no *constructicon* multilíngue e se estabelecem a partir de relações por *links* basicamente horizontais e taxonômicos. A formação de diaconstruções, porém, não é um processo inteiramente casual, mas pressupõe fases específicas de consolidação que impactam o *constructicon* de falantes multilíngues (HÖDER, 2018). Descrevemos esse processo na figura a seguir, em que recuperamos dados de construções nominais do par Inglês-Alemão apresentados por Hilpert (2015) em sua discussão sobre aquisição de L2.

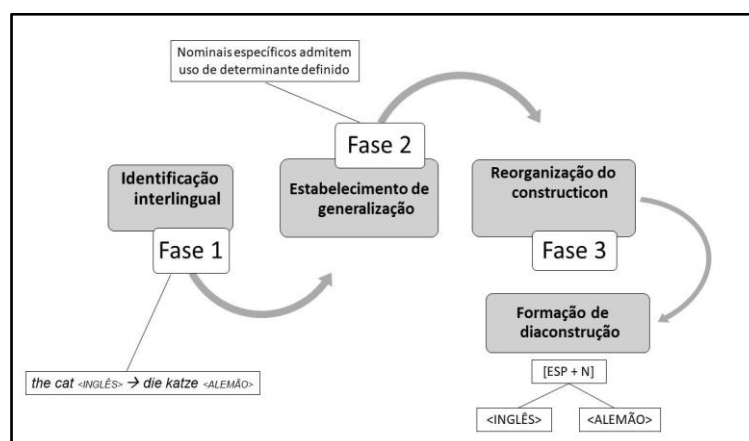


Fig. 2 Processo de formação de diaconstruções. Fonte: Nascimento (2022, p. 46), a partir de Hilpert (2015) e Höder (2018).

A partir do esquema acima, produzido com base em Hilpert (2015) e Höder (2018), interpretamos a formação de diaconstrução seguindo as etapas de (1) identificação interlingual, (2) estabelecimento de generalização e (3) reorganização do *constructicon* do indivíduo. A primeira fase refere-se à percepção de semelhanças de forma e/ou função de construções do conhecimento linguístico prévio e adicional, resultando na formação de *links* diassistêmicos que capturam correspondências (totais ou parciais). A segunda, diz respeito à composição de

uma generalização, ou seja, um pareamento de forma e sentido não especificado a uma ou outra amostra linguística, permitindo aos falantes o seu uso com certa supergeneralização. Por fim, na terceira fase, ocorre a reorganização da gramática dos falantes, estabelecendo-se e estabilizando-se a diaconstrução, de modo que determinados aspectos idioconstrucionais tornam-se redundantes (HILPERT, 2015; HÖDER, 2018).

Além da compreensão deste processo, situamos que as distinções entre idio e diaconstruções podem ser assumidas diante da organização por *links* entre construções mais ou menos abstratas, como de praxe nas abordagens construcionais. Como a gramática é emergente, dizemos que uma construção “está” (e não é) idio ou diaconstrução. Por isso, esses dois conceitos não são propostos pela GCD como absolutos, pois, de acordo com Höder (2018), pressupõem uma análise das relações interconstrucionais, de modo que determinados padrões podem ser associados ora a idioconstruções, ora a diaconstruções.

De acordo com Höder (2014), o estabelecimento de idio e diaconstruções se dá a partir do processo de identificação interlingual, definido por Weinreich (1967) como o estabelecimento de relações entre línguas/variedades em contato. Para a GCD, tal processo é o principal formador de uma rede construcional composta por *links* de equivalências formais e/ou sociocognitivas emergentes, os quais dão conta, também, dos componentes variáveis/idiossincráticos. Diferente do verificável em Weinreich (1967), contudo, nesta proposta de descrição por meio de idio e diaconstruções, a identificação interlingual não se define unicamente pelas correspondências de similaridades entre construções, mas também suas diferenças (HÖDER, 2014).

Nesse aspecto, a GCD não concorda com a ideia de que as construções são sempre específicas de um sistema linguístico. Para um modelo baseado no uso, essa discordância, no entanto, não significa assumir que, por serem abstrações não específicas a nenhuma das línguas em contato, as diaconstruções sejam universais. É por esta razão que Höder (2014) afirma que as diaconstruções, assim como toda gramática, são específicas das comunidades multilíngues, nas quais são estáveis a depender de graus variáveis de frequência de uso em cada um desses grupos.

Nesse *layout*, os usos de uma ou de outra forma, de uma ou de outra (amostra de) língua, passam a ser pragmaticamente orientados (GROSJEAN, 2008), refletindo as generalizações que falantes plurilíngues realizam inconscientemente sobre os *tokens* frequentes no *input*, as

quais são fortalecidas pelo mecanismo cognitivo da categorização (HÖDER *et al.*, 2021). A esse respeito, inclusive, a capacidade de memória enriquecida (BYBEE, 2016) também se mostra relevante, pois a ênfase na orientação formal e pragmática dos usos diassistêmicos requer um tipo de armazenamento capaz de considerar detalhes co-ocorrentes da experimentação de diaconstruções e idioconstruções, garantindo complementaridade.

Em nosso entendimento, quando Höder assume uma abordagem sociocognitiva, ele inclui tanto a parte formal quanto a parte de sentido das construções. Assim, não entendemos que a analogia ocorre apenas na base de correspondência no âmbito semântico, pragmático e discursivo. Pode ser, por exemplo, que se estabeleça um *link* diassistêmico exclusivamente em decorrência de aspectos semelhantes relativos à forma.

Na tentativa de descrever e explicar a maneira como uma gramática emerge, isto é, como ocorre a aquisição de linguagem (L1/L2), Höder (2018) propõe duas hipóteses considerando os papéis da generalização, da frequência de uso e dos processos cognitivos: (i) a de que diaconstruções se estabelecem diretamente e (ii) a de que idioconstruções são percebidas gradualmente até formar abstrações diassistêmicas.

Primeiramente, é preciso considerar que essas hipóteses não são excludentes, mas complementares entre si. Desse modo, entende-se que o que começa como idioconstrução gradualmente pode vir a se transformar em uma diaconstrução (formação de novo nó na rede) por meio de processos seriados de abstração e generalização (HÖDER, 2018). O conceito de *link* diassistêmico, caro a tais discussões, soma-se à tradição de estudos construcionistas relacionados à representação em rede (GOLDBERG, 1995; DIESSEL, 2015) e refere-se à “relação interconstrucional decorrente do contato linguístico em que construções de aspectos formais e/ou de sentido são analogicamente identificadas como semelhantes e processadas de modo mais integrado” (FREITAS JUNIOR *et al.*, 2022, p. 617).

Nesse processo, a identificação interlingual é acionada por consequência de equivalências estruturais e/ou funcionais co-ocorrentes na experiência emergente das necessidades comunicativas dos falantes multilíngues. Além disso, se considerarmos que o espaço hiperdimensional do componente diassistêmico é variável a depender das distâncias tipológicas dos *constructicons* em contato e que a criação de *links* está subordinada a esse fator (HÖDER, 2014, 2018), podemos compreender alguns aspectos de fenômenos multilíngues a partir de escalas gradientes.

Essa proposição trata-se, em essência, de graus mais ou menos altos de correspondências diassistêmicas entre (variedades de) línguas, a depender das convergências e divergências formais/funcionais que apresentam. À vista disso, poderíamos pressupor, por exemplo, que línguas historicamente relacionadas (e.g. português e espanhol) tenderiam a apresentar alto nível de relações baseadas em potenciais equivalências (e futuras potenciais diaconstruções), o que, talvez, não seja verificável entre línguas mais “distantes” (e.g. português e sueco).

A proposta de arquitetura e os processos envolvidos na cognição emergente multilíngue que debatemos até aqui é fundamentalmente construcionista, dado que tanto os padrões específicos quanto aqueles inespecíficos são construções diferidas somente por associações a contextos sociocomunicativos particulares (HÖDER, 2018). Por isso, tais postulados rejeitam limites linguísticos como um dado *a priori*, fornecendo novas possibilidades de interpretação para a organização construcional, assumindo a pluralidade e a naturalidade das situações de contato. As línguas, nessa abordagem, não se enquadram em *status* apriorísticos, pois o processo de aprendizagem de linguagem implica reorganização do conhecimento linguístico geral (DIESSEL, 2019; ELLIS; WULFF, 2019), já que não temos uma língua até termos duas (HÖDER, 2021).

Mesmo sem diferir contextos de aquisição de linguagem, a GCD fornece bases mais sólidas para a descrição e a interpretação do modo como aprendizes de L2 lidam com novas construções e seus aspectos gramaticais e pragmáticos, possibilitando a expansão dos conceitos de transferência/interferência, supergeneralizações e interlíngua (SELINKER, 1972; ODLIN, 1989), como apostam Höder, Prentice e Tingsell (2021). Considerando o processo de aquisição de L2 como um contexto de emergência de *constructicon* multilíngue, destacamos dois postulados essenciais à discussão desse tema: (i) manifestações linguísticas não nativas podem refletir tanto prevalências de idioconstruções, quanto processamentos de eventuais *links* diassistêmicos; e (ii) o processo de aquisição de L2, nesse sentido, envolve não apenas a aprendizagem de novas construções, como também reorganização do conhecimento linguístico pré-existente (L1).

Entender esses postulados do modelo aquisicional proposto pela GCD pressupõe considerarmos os efeitos do entrincheiramento, um mecanismo cognitivo descrito por Langacker (1987) como a capacidade de uma construção possuir um valor alto ou baixo de ativação/saliência representativa, a depender de sua frequência de ocorrência no *input* e sua

consequente consolidação no *constructicon*. Assumimos, então, que: “cada uso de uma estrutura tem um impacto positivo em seu grau de entrincheiramento, enquanto longos períodos de desuso têm um impacto negativo” (LANGACKER, 1987, p. 59).

Essa capacidade cognitiva, nessa abordagem, é relevante diante das proposições de que a aprendizagem de uma L2 não parte de um grau zero de conhecimento linguístico, sendo um processo que prevê integração com um componente pré-existente (ELLIS, 2006). Além disso, aprender construções novas, de um sistema distinto do já consolidado, excede o domínio da forma e do conteúdo ao se associar a fins comunicativos específicos (HÖDER; PRENTICE; TINGSSELL, 2021). Desse modo, a preocupação com o componente cognitivo é ressaltada, tendo em vista que aprender uma nova língua significa, essencialmente, fixar distinções (novas idioconstruções) em uma rede composta, majoritariamente, por esquemas entrincheirados ainda com contornos inespecíficos (diaconstruções)⁹. Hipoteticamente, podemos pressupor que a formação de diaconstruções via percepção e generalização de similaridades parciais implica, em potencial, maior produtividade desses esquemas diassistêmicos, que podem impactar tanto positiva quanto negativamente a apropriação de novas construções.

Entretanto, diante de casos assim, deve-se ter a acuidade de analisá-los em vista do que podem, ou não, representar. Principalmente, é necessário averiguar se tais usos correspondem a uma inovação individual de um aprendiz ou se são estáveis em um grupo, bem como se são resultantes de analogia, ou instanciações diretas de uma diaconstrução (HÖDER; PRENTICE; TINGSSELL, 2021). Sem dúvidas, essas questões são relevantes para a discussão dos efeitos do entrincheiramento na emergência da gramática multilíngue em situação de aquisição de L2, visto que o grau de centralidade cognitiva das construções vem sendo apontado como um determinante para a seleção de um ou outro esquema no curso da comunicação (BYBEE, 1995).

Essas noções endossam a premissa de que o *input* da L2 dispõe de reforços constantes de informações contextuais entrincheiradas como parte do significado construcional, as quais os aprendizes precisam identificar. Por isso, o entrincheiramento é apontado como gradual e reversível a depender da experiência (SCHMID, 2016), o que, em termos de *constructicon*

⁹ Dizemos isso, obviamente, mensurando as relações entre os sistemas da L1 e da L2, considerando este como componente emergente do que virá a se tornar o *constructicon* multilíngue. Há, no entanto, uma série de outras relações ‘subdiassistêmicas’ no conhecimento linguístico que os aprendizes já apresentam (L1), tais como aqueles relativos às variáveis intralinguísticas de registros e modalidades.

multilíngue, significa dizer que as idioconstruções e diaconstruções podem estar mais ou menos entrincheiradas.

Nesse sentido, Höder, Prentice e Tingsell (2021) consideram não só o entrincheiramento, como também a sua contraparte, o “desentrincheiramento” já apontado como possibilidade por Langacker (1987). O *input* da L2, desse modo, é processado a partir de idioconstruções pré-existentes, podendo seus *tokens* conduzir ao estabelecimento e à reorganização de todo o repertório multilíngue dos aprendizes. Para os autores, essa configuração baseada em (des)entrincheiramentos se refletirá em uma arquitetura de: construções prévias fortemente entrincheiradas: diaconstruções do ponto de vista da realidade psíquica do aprendiz e idioconstruções do ponto de vista do contato; idioconstruções recentemente aprendidas, portanto, restritas a contextos da L2; e construções prévias afetadas.

A título de exemplo, podemos conjecturar uma situação de um brasileiro nativo de PB, aprendiz de espanhol como L2. A compreensão da L2 demandará desse aprendiz a necessidade de processar novos *tokens* disponíveis no *input*, o que fará a partir de seu conhecimento linguístico prévio, que, *a priori*, não é ainda pragmaticamente restrito à L1 (HÖDER; PRENTICE; TINGSSELL, 2021). Devido à proximidade tipológica de grande parte dos *constructicons* do espanhol e do PB, é possível que um número considerável de esquemas pré-existentes possa funcionar como diaconstruções na emergência do *constructicon* multilíngue até certo tempo, não requerendo, em princípio, reorganizações tão profundas¹⁰ e promovendo associações diassistêmicas automáticas, como pode ser o caso de algumas construções lexicais: aluno vs. *alumno*; casa vs. *casa*; escola vs. *escuela*.

Por outro lado, este mesmo aprendiz se deparará com construções que não corresponderão àquelas integrantes de seu repertório prévio, ou que são relativamente semelhantes, como, por exemplo, a construção de objeto direto anafórico, que em PB pode se materializar por pronomes tônicos, ao passo que no espanhol essa parece ser uma restrição, ainda que ambas as línguas permitam expressões de clíticos, formas nulas e repetições de toda a construção [(ESP) N (X)], conforme apontam Dutra, Simioni e Lima (2016).

¹⁰ Obviamente, algumas formas, ainda que cognatas ou com alto grau de convergência formal, já representam uma reorganização no nó da rede multilíngue, ainda que em menor grau e somente no nível formal. Mas essa é uma outra discussão, diferentemente da que se propõe neste ponto.

Diante dessa possível idioconstrução da L2, o aprendiz com uma experiência ainda limitada no que se refere ao uso desse padrão pode se tornar estatisticamente mais propenso a uma produção não nativa em espanhol com prevalências da idioconstrução mais semelhante e entrincheirada de sua L1: um típico caso de transferência. A esse aprendiz, assim, será necessária a aquisição de determinadas restrições pragmáticas específicas da L2, de modo que passe a reconhecer um subconjunto de propriedades relativas às semelhanças e diferenças dos pares de forma-sentido competidores.

É por esse motivo que, do ponto de vista da GCD, o processo de aprendizagem de L2 pressupõe reorganização do conhecimento linguístico pré-existente no plano cognitivo, seja por adição, por remoção ou por adaptação (HÖDER; PRENTICE; TINGSSELL, 2021). Quando aprendizes processam construções da L2 que não estabelecem relações com a L1, ou generalizam sobre a forma ou a função de idioconstruções e formam diaconstruções que “capturam” informações linguísticas irrestritas a contextos de uma ou de outra língua, podemos verificar a atuação do entrincheiramento por acréscimo de novas construções ao *constructicon* multilíngue. Em contrapartida, verificamos a emergência de um “novo *constructicon*”, na medida em que aspectos idioconstrucionais dirimidos pela formação e constante fortalecimento de diaconstruções representam êxito no processo de aprendizagem.

Nessa perspectiva, a aprendizagem de L2 gera adição, adaptação/transformação e remoção de *links* entre esquemas, quando, respectivamente, o *input* leva à associação formal/funcional de um pareamento a um esquema, ou faz com que o aprendiz reconheça distinções entre construções não percebidas em estágio anterior. Ainda, construções pré-existentes podem se tornar vulneráveis ao acréscimo e/ou à remoção de propriedades formais e/ou funcionais, de modo a serem especializadas pragmaticamente, sendo ativadas por um princípio de complementaridade, ou se tornarem menos específicas, refletindo entrincheiramento e desentrincheiramento das correspondências simbólicas.

Metodologia

A linguística como disciplina empírica assume abordagens com tendências mais ou menos formais/funcionais para fins de observação da linguagem por meio de dados, em geral

agrupados em *corpus*, ou por meio de exemplares gerados por introspecção. Este estudo lida com *corpus* que apresenta variação identificada dentro e entre enunciados escritos por estrangeiros aprendizes de PB. Nossa expectativa é que a variação observada nas construções nominais usadas por eles possa levar a indicações importantes sobre o conhecimento de aprendizes de línguas, afetado por relações diassistêmicas.

Nesta seção, são explicitadas informações sobre: a coleta de dados para constituição do *corpus*; os aprendizes participantes da pesquisa; os procedimentos de anotação e de classificação dos dados; definição de critérios para análise das construções nominais.

Dentre as produções escritas encontradas no *Corpus NEI/UFRJ*, selecionamos 25 textos escritos em PB por 9 adultos aprendizes anglófonos naturais de Gana e Jamaica. Esses textos foram obtidos em práticas de sala de aula com um mesmo grupo no Brasil, a partir dos seguintes comandos:

Enunciado 1 (Tarefa do gênero ‘comentário crítico’): No áudio que você escutou em sala de aula, o narrador relata um acontecimento ocorrido no restaurante em que trabalha. Em seguida, ele menciona que “O arroz com feijão é tão forte e é associado à família, ao carinho, ao amor. Claro que também é associado ao trabalhador [...]”. A partir disso, produza um comentário crítico em que você explique e responda à seguinte questão: Há uma relação entre alimentos e culturas?

Enunciado 2 (Tarefa do gênero ‘mensagem’): Nesta unidade, você aprendeu sobre a cultura culinária brasileira. Muito do que vimos, certamente foi novidade para você. Então, como tarefa final, você deve escrever uma mensagem para um familiar que se encontra em seu país de origem, para lhe contar sobre os usos e costumes dos brasileiros já percebidos por você. Não se esqueça de abordar a questão da diversidade cultural na culinária, que vimos nesta etapa de nosso curso.

Os textos com extensão de 158 a 388 palavras, originalmente escritos à mão, foram digitados a fim de viabilizar a etapa de tratamento das construções nominais via editor de planilhas computacionais Excel. O mapeamento das construções nominais do tipo [(ESP) N (X)] e a análise quali-quantitativa de todas as ocorrências seguiram os seguintes critérios: (a) tipologia do especificador; (b) animacidade do nominal nuclear da construção; (c) estatuto informacional e função sintática (papel participante) da construção no contexto de uso; (d) presença/ausência de sintagma atributivo no *slot* (X) e sua tipologia quando preenchido; (e) abrangência discursivo-pragmática e gramatical do problema de representação de (ESP).

Com as construções mapeadas, procedemos à categorização de fenômenos relativos à instabilidade do especificador (ESP), utilizando a seguinte classificação proposta em FREITAS JUNIOR *et al.* (2022): apagamentos, preenchimentos impróprios e combinações discordantes. A partir disso, buscamos averiguar relações entre idioconstruções e diaconstruções, após comparação de [(ESP) N (X)] do inglês e do PB. Ainda, destacamos que os critérios morfossintáticos e semânticos listados foram estruturados com base em estudos revisados que demonstraram sua pertinência para a análise de produções não nativas de construções nominais, em particular no que se refere ao comportamento instável de especificadores.

Tais estudos, que foram realizados à luz de diferentes perspectivas teórico-metodológicas (ALMEIDA; ARAÚJO, 2019; LOPES, 2018; SNAPE, 2013; IONIN; MONTRUL, 2010; HILPERT, 2015; FREITAS JUNIOR *et al.*, 2018, 2022; NASCIMENTO; SOARES; FREITAS JUNIOR, 2019; NASCIMENTO; FREITAS JUNIOR; SOARES, 2020), evidenciaram que a instabilidade de representação de (ESP) em construções nominais da L2 podem estar relacionadas, em maior ou menor grau, a essas variáveis linguísticas, o que justifica nossa adesão por tomá-los como balizas.

Resultados e discussões

A produção em L2 aciona construções armazenadas estando em conformidade ou não com as convenções dessa língua em diferentes graus, como demonstram os exemplos (1), (2) e (3). No *corpus*, identificamos 312 ocorrências da construção nominal, sendo 251 convergentes com as convenções gramaticais do PB (sublinhadas) e 61 divergentes em relação ao uso de especificadores (entre colchetes).

- (1) Isso parece muito estranho, não é? Sim, pra mim no início eu achei mesmo coisa, mas sabe [Ø_razão] entre esse tipo de comida? Porque [o brasileiros] acham que arroz com feijão dar eles uma identidade sociedade na família, no trabalhar e arroz também. (ITI20MG).
- (2) Sem educação muitas pessoas vai ficar pobres, e quando um país tem um nível de pobres muito alto, o nível de crime e o tráfico [de as drogas] cresce também. Esses investimentos ajudar para criar um futuro e oportunidades para sociedade e os alunos. Então, sem investimento mais problemas. (ISI23FJ).

- (3) [...] O arroz com feijão é tão forte e é associado à familiar associado ao carinho e associado ao amor. Claro que também é associado ao trabalho, por que arroz com feijão um alimento mais brasileiros como. Mas e [todos famílias] que gostam arroz com feijão. Além disso [a trabalho d[a uma pessoa]] não vai dar tempo comer. (IRI19MG).

Percebemos, ainda, que dentre as possibilidades de preenchimento do *slot* (ESP), os usos de determinantes definidos foram os mais expressivos no âmbito das produções convergentes, exibindo um percentual de 70.1%. Essa observação dialoga com estudos anteriores que demonstram uma direcionalidade na aquisição de artigos tanto da L1 quanto da L2, sendo mais comumente notada a apropriação inicial dos definidos, os quais costumam ser mais frequentes nos enunciados dos aprendizes adultos do que seus correspondentes indefinidos (ROBERTSON, 2000; WHITE, 2003; LARDIERE, 2009; MAYO, 2009). Esse achado parece indicar uma regularidade no processo de aquisição de linguagem (L1/L2), ou seja, para aprendizagem inicial de construções que nomeiam objetos mais concretos presentes em interações cotidianas e, depois, mais abstratos. Também notamos que o fenômeno de combinação discordante se mostrou mais expressivo nos dados, exibindo um percentual de 52.4% e demonstrando a relevância do aspecto invariável de determinantes em inglês.

Focalizando as produções convergentes com os padrões do PB, obtivemos a caracterização das propriedades variáveis das construções nominais utilizadas pelos aprendizes participantes de nosso estudo, os quais podem ser vistos no quadro a seguir.

Grau de frequência			
Características	Elevado	Moderado	Baixo
(ESP)	Determinante definido	Determinante indefinido	Pronomes, quantificadores e Ø
N	[-Animado], [Novo] e [Específico]	[+Animado], [Velho] e [Genérico]	[+Animado], [Inferível] e [Genérico]
(X)	Ø	Adjetivos/locuções adjetivas	Orações relativas e advérbios
Papel	Sujeito, adjunto adnominal, objeto direto, predicativo do sujeito	Complemento nominal e predicativo do sujeito	Agente da passiva, aposto e complemento circunstancial

Quadro 1 Perfil geral das produções convergentes. Fonte: Adaptado de Nascimento (2022, p. 104).

Com base nisso, identificamos alguns indícios que falam a favor da hipótese de que participantes anglófonos aprendizes de PB são orientados pragmaticamente por seus conhecimentos prévios na tentativa de obterem êxito em suas produções de [(ESP) N (X)] na L2. Tendo em vista o perfil mais frequentemente percebido na amostra de produções convergentes, podemos pensar que tais indivíduos aprendem primeiro aspectos mais essenciais de construções, estabelecendo associações com seu *constructicon* base, e depois os *links* sintáticos, representando uma suposta ordem de aprendizagem (DIESEL, 2019).

Já em relação às produções divergentes (61 de 312), a análise por impacto de cada uma das inconformidades comprometedoras de especificadores levou à identificação de algumas tendências. Assim como são os mais utilizados no conjunto de produções convergentes, detectamos que os determinantes definidos também são os especificadores mais frequentemente usados com algum comprometimento na escrita dos aprendizes anglófonos de nossa amostra, representando 93.7% dos apagamentos, 59.3% das combinações discordantes e 84.6% dos preenchimentos impróprios, como visualizamos no gráfico a seguir:

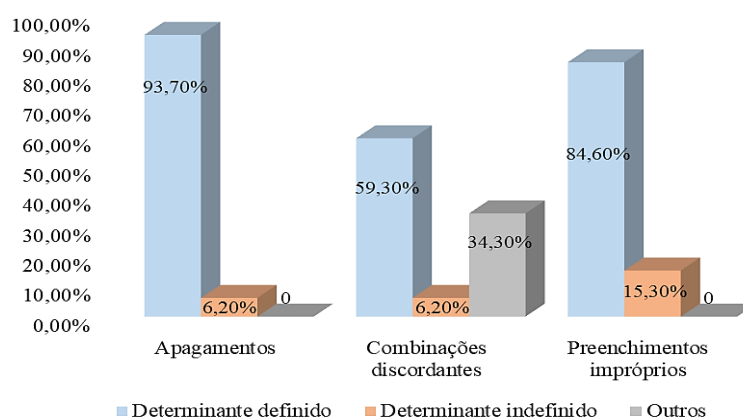


Gráfico 1 Tipos de especificadores mais comprometidos por fenômenos. Fonte: Nascimento (2022, p. 106).

Além desse indício, apontamos outras particularidades nesse conjunto de produções incompatíveis com os usos atestados da L2, tais como: (i) a baixa frequência de inconformidades (10/61) envolvendo determinantes indefinidos, que se manteve 6.2% em apagamentos (*essa afirmativa é Ø estereótipo*) e combinações discordantes (*um parte da cultura*) e 15.3% em preenchimentos impróprios (*duas pessoas podem comer isso sem um problema*); e (ii) o fato de outros especificadores terem sido somente constatados em casos de combinações discordantes, cuja abrangência cobriu, ainda, pronomes demonstrativos (*estava*

demonstrado *nesse* situação), possessivos (*Meu* opinião acho que muito atenção deve ser dada) e quantificadores (*o prato tem muito* nutrição). Sem dúvidas, esses achados são importantes para a discussão do que esses fenômenos representam em uma análise diassistêmica. O fato, por exemplo, de os apagamentos e os preenchimentos impróprios terem se restringido ao contexto de uso de determinantes definidos e indefinidos alude a problemas gerais com a percepção da categoria ‘definitude nominal’ no PB.

Notamos, ainda, a recorrência de núcleos [-Animados] (*se desenvolve e ajuda a país*), os quais foram percentualmente mais perceptíveis. Núcleos [+Animados] (*94% do brasileiros*) são percentualmente menos presentes nos textos da amostra, o que tende a evidenciar um comportamento geral de construtos não nativos de autoria de aprendizes anglófonos participantes desta pesquisa. Possivelmente, essa é uma observação que pode ser atrelada à temática geral das produções, portanto, uma questão contextual.

Quanto à informatividade da construção, constatamos diferenças percentuais pertinentes à discussão. Se por um lado os apagamentos e as combinações discordantes ocorreram com mais frequência em exemplares codificadores de informação velha, por outro, os preenchimentos impróprios foram mais incidentes em casos de veiculação de informação nova. Ainda, verificamos que construções nominais de informação inferível foram mais frequentemente prejudicadas por apagamentos (4) em oposição ao observado nas combinações discordantes (5) e preenchimentos impróprios (6).

(4) [...] Isso vai ajudar com o saúde das **[todas Ø pessoas]** do brasileiro especialmente crianças. (ISI23FJ).

(5) [...] Sem dinheiro, não vão ter **[as materiais]** [...]. (ISI23FJ).

(6) [...] E **[o bastante]** das brasileiros compram arroz com feijão pra seus filhos no jantar e almoço. (ITI20MG).

Com base nesses achados acerca da informatividade, podemos intuir que o fato de os apagamentos e as combinações discordantes serem mais regulares em construções [(ESP) N (X)] de informação velha liga-se diretamente à baixa no monitoramento estatístico por parte dos aprendizes, justamente pela saliência do conteúdo pragmático no contexto. Seguindo o mesmo raciocínio, os preenchimentos impróprios seriam mais sucessivos em contextos de informação nova pelo bloqueio de padrões nominais nus, ocasionado pela interpretação supergeneralizada e guiada pela maior cobertura da L1 de que a novidade de um constituinte

seria condição básica e suficiente para a marcação da definitude por meio de um especificador na L2.

A análise da presença/ausência de sintagma atributivo na margem (X), um fator apontado como relevante para a investigação dos fenômenos acometedores da margem esquerda de construções nominais (ALMEIDA; ARAÚJO, 2019), permitiu-nos identificar uma tendência partilhada nos três fenômenos. Observando que os índices de ausência de qualificador à direita foram de 62.5%, 71.8% e 69.2% respectivamente em construções representadas com apagamentos (*É mesma coisa em Brasil com arroz com feijão*), combinações discordantes (*isso prato fazem sentar nostálgicas*) e preenchimentos impróprios (*associado para todos classes das pessoas*) de (ESP), é plausível apontar que, no caso dos aprendizes anglófonos que integram nossa amostra, o critério “ausência de sintagma atributivo à direita” parece se qualificar como condicionante de representações comprometidas junto aos demais.

Todos esses resultados nos conduzem a respostas para nossas questões de pesquisa. Na representação abaixo, logramos a uma tentativa de representação diassistêmica subjacente aos usos observados.

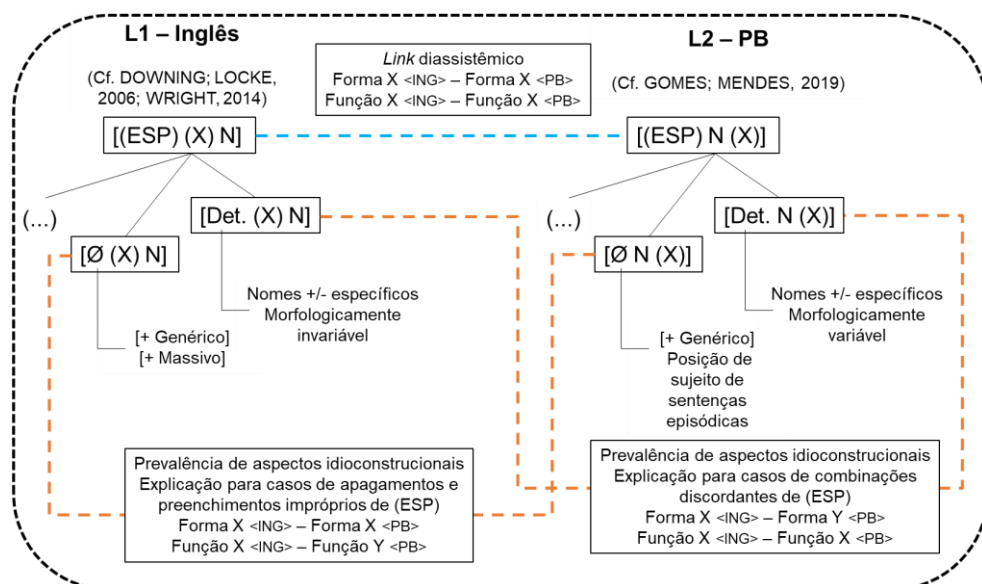


Fig 3 Representação da rede multilíngue a partir das análises. Fonte: Nascimento (2022, p. 121).

Em um nível de abstração maior, por exemplo, nos parece viável supor que a posição estrutural de especificadores, bem como sua função pragmática, se encarrega de formar, ao menos, um *link* diassistêmico por meio da identificação interlingual (representado na figura

pela linha azul pontilhada). Isso nos parece viável, uma vez que, de acordo com Snape (2013), Ionin e Montrul (2010) e Freitas Junior *et al.* (2022), ter disponível na L1 um conjunto de itens procedurais que se encaixam à esquerda de construções nominais para expressão da definitude e generacidade é um fator potencial para facilitação do processamento dos *tokens* de [(ESP) N (X)] em L2.

Além dessa constatação que endossa a força da relação entre especificadores e nominais como um caráter interlinguístico neste caso, a nosso ver, a percepção de que os aprendizes de nossa amostra tendem a utilizar poucos construtos gramaticais com um sintagma atributivo em (X) também parece ser uma evidência que fala a favor da viabilidade da formação deste *link* diassistêmico. Os aprendizes, neste caso, em nível intermediário de proficiência, podem estar agindo com maior monitoramento a respeito do bloqueio estatístico da L2 em relação ao uso de modificadores à direita, da mesma maneira que fazem convencionalmente em sua L1, entrincheirando, por assim dizer, bases para uma diaconstrução com a configuração formal [(ESP) N], disponível em ambas as línguas.

Em relação aos apagamentos e aos preenchimentos impróprios do especificador, apostamos na ideia de que o choque entre as idioconstruções de nominais nus seja a justificativa. Em primeiro lugar, nominais nus são orientados por regras pragmático-discursivas que seguem lógicas diferentes entre o inglês e o PB, dentre elas o fato de a L1 necessariamente exigir que o nominal porte cumulativamente as características semânticas [+ PLURAL] e [+ MASSIVA] (*Dogs are incredible.*) (cf. CARTER; MCCARTHY, 2015), o que não é imprescindível na L2 (cf. GOMES; MENDES, 2019). Nestes casos, parece-nos prudente afirmar que tais sutilezas pragmáticas fazem prevalecer aspectos idioconstrucionais essenciais que distinguem as línguas em contato nesta ocasião a respeito do uso de [Ø N] no nível do subesquema, caracterizando o que Höder (2018) chama de ‘associações restritivas’.

Segundo a mesma lógica, observamos que os casos de combinação discordante também podem ser explicados a partir do mesmo processo, neste caso, envolvendo aspectos idioconstrucionais no nível do construto. Como mencionamos, em inglês, determinantes não variam morfologicamente ao estabelecerem relações com nominais, sendo mantida a característica uniforme, o que não é verificado em PB, uma língua de morfologia nominal rica acionada em casos de relações sintagmáticas de harmonização entre (ESP) \longleftrightarrow N, pelo menos em termos da variedade culta. Desse modo, é natural que aprendizes anglófonos tenham

determinadas dificuldades para realizar usos gramaticalmente convergentes com o PB, posto que estarão menos suscetíveis à preempção estatística¹¹ para a análise dos exemplares possíveis de preenchimento de (ESP) em função de N que integram a cobertura da construção nominal da L2 e a multiplicidade formal de especificadores. Por isso, o fenômeno da combinação discordante mostra-se condicionado à preponderância da idioconstrução [ESP_{INVARIÁVEL} N], visto que os aprendizes, orientados pela L1, demonstram problemas com o traço que difere as idioconstruções entre a L1 e a L2.

De maneira geral, a partir das premissas teóricas da GCD e de sua interpretação para o processo de aquisição de L2 (HÖDER; PRENTICE; TINGSELL, 2021), bem como com base nas análises apresentadas nesta pesquisa, podemos pressupor: i) A existência de um link diassistêmico e de uma possível diaconstrução [(ESP) N]; ii) O alto grau de entrincheiramento de idioconstruções [Ø N] e [ESP_{INVARIÁVEL} N], que são determinantes para o licenciamento de fenômenos de apagamentos, preenchimentos impróprios e combinações discordantes de especificadores nominais na produção linguística em L2; iii) A produtividade e a amplitude morfossintática e semântica das construções da L1 podem ajudar a explicar como aprendizes de L2 usam construções (parcialmente) correspondentes na L2; iv) A possibilidade de vislumbrarmos diferentes graus de abstração do conhecimento construcional multilíngue e de situarmos, por meio dos resultados, os fenômenos em uma escala de diassistematicidade gradual.

Em vista dessas observações, explicitamos alguns resultados: (i) a pertinência dos critérios de análise levantados e do modelo teórico à discussão de aquisição/aprendizagem de L2; (ii) comportamentos particulares de construções nominais, seja em contextos em que foram produzidas gramaticalmente (convergentes), seja em contextos em que foram representadas por meio de problemas prototípicos envolvendo a relação entre especificadores e nominais (divergentes); e (iii) a viabilidade de supor a emergência de, pelo menos, um *link* diassistêmico que pode ser um indício de uma possível diaconstrução [(ESP) N] e, por outro lado, a prevalência de idioconstruções / aspectos idioconstrucionais.

¹¹ Este conceito, cunhado por Goldberg (2019), pode ser compreendido como “o efeito de bloqueio de uma determinada construção apresentado pelo nativo de uma língua, diante da seleção outra construção frequentemente utilizada para a mesma função comunicativa” (FREITAS JUNIOR; ALONSO; OLIVEIRA, 2020, p. 136).

Além desses pontos, destacamos que os resultados da pesquisa aludem à comprovação da hipótese geral da GCD, sendo nossos achados imprescindíveis para uma proposição sólida de *links* diassistêmicos e de prevalência de idioconstruções. Nossos resultados fortalecem as proposições de Höder, Prentice e Tingsell (2021), que apostam no reconhecimento dos processos de aquisição de L2 como um caso típico de contato linguístico e, portanto, passível de ser analisado à luz desse modelo teórico. Além disso, os mapeamentos das relações diaconstrucionais e idioconstrucionais provenientes desta pesquisa podem elucidar aspectos relativos ao ensino de PBL2 para aprendizes de outras línguas maternas por uma via construcional aplicada (GILQUIN; KNOP, 2016; HERBST, 2016), na medida em que oferecem insumos para analisar o que impacta negativa e/ou positivamente no desenvolvimento de uma nova língua em termos de diassistema emergente.

Considerações finais

Neste artigo, explicitamos uma proposta de representação cognitiva da construção [(ESP) N (X)] na gramática multilíngue de aprendizes estrangeiros de PBL2 por meio da proposição de emergências de idioconstruções e diaconstruções. Consideramos o modelo da GCD elucidativo para nosso pleito, tendo em vista a suficiência e a harmonização de suas proposições teóricas e metodológicas que são inovadoras e recentes na perspectiva dos Modelos Baseados no Uso.

Como apontam nossos resultados e discussões, podemos apoiar a tese de que o conhecimento linguístico, uma cognição essencialmente emergente e multilíngue, se estabelece por *links* formais e semânticos de graus variados de entrincheiramento entre pareamentos ora mais esquemáticos, ora mais subespecificados pelo componente pragmático de uma língua/variedade/registo etc. Em suma, com a presente pesquisa, pretendemos oferecer ao campo da Linguística Cognitivo-Funcional uma contribuição significativa no que tange à difusão da GCD e de seu domínio empírico. Desejamos, ainda, que este estudo contribua com a discussão sobre ensino-aprendizagem de L2 ancorado na GCBU/GCD.

Referências

AIKHENVALD, A. Y. Grammars in contact. A cross-linguistic perspective. In: AIKHENVALD, A. Y.; DIXON, R. M. W. (org.). *Grammars in contact*. A cross-linguistic typology. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 1-44.

ALMEIDA, D. C. de; ARAÚJO, D. M. L. de. Emprego (e não emprego) de determinantes em textos escritos por surdos. *Caderno de Letras*, Pelotas, n. 35, p. 167-178, 2019.

BOAS, H.; HÖDER, S. (org.). *Constructions in contact 2: Language change, multilingual practices and additional language acquisition*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company: 2021.

BOAS, H.; HÖDER, S. (org.). *Constructions in contact*. Constructional perspectives on contact phenomena in Germanic languages (Constructional Approaches to Language 24). Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2018.

BYBEE, J. *Língua, Uso e Cognição*. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

BYBEE, J. Regular morphology and the Lexicon. *Language and Cognitive Processes*, [s. l.], v. 10, n. 5, p. 425-55, 1995.

CARTER, R.; MCCARTHY, M. *Cambridge Grammar of English: A Comprehensive Guide-Spoken and Written English Grammar and Usage*. 8. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CORPUS do Núcleo de Estudos sobre InterlínguaS da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, [20--?]. Disponível em: <https://corpusneis.wixsite.com/home/corpus>. Acesso em: 5 fev. 2023.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIESSEL, H. *The Grammar Network: how linguistic structure is shaped by language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

DIESSEL, H. *The Grammar Network: how linguistic structure is shaped by language use*. Jena, Friedrich-Schiller-Universität Jena, 2015.

DUTRA, E.; SIMIONI, T.; LIMA, M. S. A realização dos objetos direto e indireto anafóricos em português brasileiro e em espanhol. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, [s. l.], n. 38, p. 55-78, 2016.

ELLIS, N. C. Selective attention and transfer phenomena in L2 acquisition. Contingency, cue competition, salience, interference, overshadowing, blocking and perceptual learning. *Applied Linguistics*, Oxford, v. 27, n. 2, p. 164-194, 2006.

ELLIS, N. C.; WULFF, S. Cognitive approaches to second language acquisition. In: SCHWIETER, J. W.; BENATI, A. (org.). *Language learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. p. 156-187.

FREITAS JUNIOR, R. *et al.* “Será um grande aprendizado”: uma análise descritiva dos aspectos linguísticos da escrita de surdos em PBL2 - Interfaces entre textualidade, uso e cognição no estado de interlíngua. *Pensares em Revista*, São Gonçalo, n. 12, p. 7-29, 2018.

FREITAS JUNIOR, R. *et al.* A gramática de construções diassistêmica: um modelo aquisicional baseado no uso. *Revista de Estudos Linguísticos (RELIN)*, Belo Horizonte, v. 30, n. 2, p. 606-634, 2022.

FREITAS JUNIOR, R.; ALONSO, K. S. B.; OLIVEIRA, M. C. de. Explain me this: resenha sobre a obra de Adele Goldberg (2019). *Pensares em Revista*, São Gonçalo, n. 19, p. 134-139, 2020.

GARNER-CHLOROS, P. *Code-switching*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

GILQUIN, G.; KNOP, S. de. Exploring L2 constructionist approaches. In: GILQUIN, G.; KNOP, S. de (org.). *Applied Construction Grammar*. Mouton: De Gruyter, 2016. p. 3-17.

GODOY, C. B. *A emergência do sinal <É> no constructicon bi/multilíngue de surdos: evidências de diaconstruções*. 2022. Monografia (Graduação em Letras-Libras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. *Constructions*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Explain me this: creativity, competition and the partial productivity of constructions*. Princeton: Princeton University Press, 2019.

GOMES, A. P. Q.; MENDES, L. S. *Para conhecer Semântica*. Contexto: São Paulo, 2019.

GROSJEAN, F. The bilingual's language modes. In: NICOL, J. L. (org.). *One mind, two languages*. Bilingual language processing. Malden: Blackwell, 2008.

HAKIMOV, N.; BACKUS, A. Usage-Based Contact Linguistics: Effects of frequency and similarity in language contact. *Journal of language contact*, [s. l.], v. 13, p. 459-481, 2021.

HERBST, T. Foreign language learning is construction learning—what else? Moving towards Pedagogical Construction Grammar. In: KNOP, S. de; GILQUIN, G. (ed.). *Applied construction grammar*. Mouton: De Gruyter, 2016. p. 21-51.

HILPERT, M. *Construction grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HILPERT, M. From hand-carved to computer-based: Noun-participle compounding and the upward-strengthening hypothesis. *Cognitive Linguistics*, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 1-36, 2015.

HÖDER, S. Constructing diasystems. Grammatical organisation in bilingual groups. In: ÅFARLI, T. A.; MÆHLUM, B. (org.). *The sociolinguistics of grammar (Studies in Language Companion Series 154)*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2014. p. 137-152.

HÖDER, S. *et al.* Interview of Steffen Höder. *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 34-43, 2021.

HÖDER, S. Grammar is community-specific: Background and basic concepts of Diasystematic Construction Grammar. In: BOAS, H.; HÖDER, S. (org.). *Constructions in contact. Constructional perspectives on contact phenomena in Germanic languages (Constructional Approaches to Language 24)*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2018. p. 37-70.

HÖDER, S. Multilingual constructions: a diasystematic approach to common structures. In: BRAUNMÜLLER, K.; GABRIEL, C. (org.). *Multilingual individuals and multilingual societies (Hamburg Studies on Multilingualism 13)*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2012. p. 283-324.

HÖDER, S. Phonological schematicity in multilingual constructions: a diasystematic perspective on lexical form. *Word Structure*, Edinburgh, v. 12, n. 3, p. 334-352, 2019.

HÖDER, S. *Sprachausbau im Sprachkontakt*. Syntaktischer Wandel im Altschwedischen (Germanistische Bibliothek 35). Heidelberg: Winter, 2010.

HÖDER, S.; PRENTICE, J.; TINGSSELL, S. Additional language acquisition as emerging multilingualism. A construction grammar approach. In: BOAS, H.; HÖDER, S. (org.). *Constructions in contact 2: Language change, multilingual practices and additional language acquisition*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2021. p. 309-340.

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (org.). *The Oxford handbook of construction grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

IONIN, T.; MONTRUL, S. The Role of L1 Transfer in the Interpretation of Articles with Definite Plurals in L2 English. *Language Learning*, [s. l.], v. 60, n. 4, p. 877-925, 2010.

KÜHL, K.; BRAUNMÜLLER, K. Linguistic stability and divergence: an extended perspective on language contact. In: BRAUNMÜLLER, K.; HÖDER, S.; KÜHL, K. (org.). *Stability and divergence in Language Contact*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2014. p. 13-38.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LARDIERE, D. Some thoughts on the contrastive analysis of features in second language acquisition. *Second Language Research*, [s. l.], v. 25, n. 2, p. 173-227, 2009.

LOPES, L. S. F. *A interlíngua Português-Libras: aquisição da categoria dos determinantes por surdos*. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Candeias, 2018.

MAYO, M. P. G. Article choice in L2 English by Spanish speakers. In: MAYO, M. P. G.; HAWKINS, R. (org.). *Second language acquisition of articles*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2009. p. 13-37.

NASCIMENTO, J. P. S. *Indícios de representações cognitivas na gramática diassistêmica: o caso de [(ESP) N (X)] no constructicon multilíngue de anglófonos aprendizes de PB*. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

NASCIMENTO, J. P. S.; FREITAS JUNIOR, R.; SOARES, L. A. A. O status representacional de sintagmas nominais do PB no constructicon de L2 de crianças surdas. *Revista e-escrita*, [s. l.], v. 11, n. 1, p. 101-116, 2020.

NASCIMENTO, J. P. S.; SOARES, L. A. A.; FREITAS JUNIOR, R. Os bastidores da escrita: análise cognitivo-funcional de processos cognitivos operantes na aquisição de PBL2 por surdos bilíngues. *Revista Diálogos*, Cuiabá, v. 7, n. 2, p. 143-155, 2019.

ODLIN, T. *Cross-linguistics influence in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

ROBERTSON, D. Variability in the use of the English article system by Chinese learners of English. *Second Language Research*, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 135-172, 2000.

SCHMID, H. J. Linguistic entrenchment and Its Psychological Foundations. In: SCHMID, H. J. (org.). *Entrenchment and the Psychology of language learning: how we reorganize and adapt*. Washington, DC: American Psychological Association, 2016. p. 435-454.

SELINKER, L. Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics*, [s. l.], v. 10, p. 209-231, 1972.

SNAPE, N. Japanese and Spanish adult learners of English: L2 acquisition of generic reference. *Studies in Language Sciences: Journal of the Japanese Society for Language Sciences*, v. 12, p. 70-94, 2013.

SOARES, L. A. A. *A emergência de um sistema de competidores: um estudo cognitivo-funcional dos processos mentais subjacentes ao desenvolvimento do PBL2 em surdos universitários*. 2018. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

TOMASELLO, M. *As origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WEINREICH, U. Is a structural dialectology possible? *Word*, v. 10, n. 2-3, p. 388-400, 1954.

WEINREICH, U. *Languages in contact, findings and problems*. New York: Linguistic Circle of New York, 1953.

WEINREICH, U. On arguing with Mr. Katz: A brief rejoinder. *Foundations of language*, [s. l.], v. 3, n. 3, p. 284-287, 1967.

WHITE, L. *Second language acquisition and universal grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

Noun constructions in the multilingual repertoire of PBL2 learners: evidence of diasystemic representations

Abstract: This study seeks evidence on representations of multilingual knowledge, based on the analysis of uses of the nominal construction [(ESP) N (X)] of BP in the writing of English-speaking learners. We verified not only occurrences compatible with the constructional standards of BP, but also those that present some nonconformity related to the use of grammatical items in the slot (ESP). We adhere to the postulates of the Diasystematic Construction Grammar, a version of the GCBU for approaching contact phenomena, according to which the multilingual constructicon is shaped from idio and diaconstructional relations. We believe in the hypothesis that the different representations of nominal construction in the writing of this group of BP learners reflect both the emergence of a diasystemic link and the maintenance of language-specific aspects at a more underlying level. This hypothesis was revealed from the observation of data analyzed in previous studies in which convergent uses of nominal construction and uses compromised by deletions, improper fillings and discordant combinations of specifiers were identified. To test this proposition, we carried out qualitative and quantitative analysis of 312 occurrences of [(ESP) N (X)], which were carried out in the light of morphosyntactic and semantic variables indicated as relevant in the literature revisited. Results demonstrate that the multilingual constructional network of the research participants involves the formation of at least one diaconstruction and idioconstructions underlying the observed uses.

Keywords: Noun Constructions; Diasystematic Construction Grammar; L2 Acquisition.

Recebido em: 3 de março de 2023.

Aceito em: 30 de março de 2023.